

UC Berkeley

Lucero

Title

O espelho despedaçado: cinco poemas para uma memória negra

Permalink

<https://escholarship.org/uc/item/4k4564wn>

Journal

Lucero, 24(1)

ISSN

1098-2892

Author

Mundell, John A.

Publication Date

2015

Copyright Information

Copyright 2015 by the author(s). All rights reserved unless otherwise indicated. Contact the author(s) for any necessary permissions. Learn more at <https://escholarship.org/terms>

Peer reviewed

O espelho despedaçado: cinco poemas para uma memória negra

John A. Mundell

A língua deixa a mente recordar. Recordar eventos, palavras, emoções, coisas que viveu. Também coisas que não viveu, pois não há uma obrigação de experimentação própria para a recordação. Quando nos lembramos de nossa vida e, até arguo, de nossa história nacional, é claro que essas recordações não serão cronológicas, senão momentos destacados de uma época que consideramos distante. Embora, com a idade do tempo, isso também possa ser relativamente próxima. Nos últimos versos de seu poema “Cambridge”, Jorge Luis Borges escreveu: “somos nossa memória, / somos esse quimérico museu de formas inconstantes, / esse monte de espelhos rotos” (minha tradução). Assim, é na tentativa de juntar os pedaços dos espelhos, nossa memória, que construímos o passado, facilitando uma autoimagem no presente, apesar de que o que lembramos não seja exatamente como ocorreu nem necessariamente algo concreto. Como Borges instrui, a poesia apresenta-se como o gênero perfeito para essas imbricações confusas entre a realidade, a fantasia e o tempo. Esforço-me, então, para demonstrar através da poesia como lembramos e esquecemos da violenta questão racial no Brasil.

Não vivi tudo que apresento aqui na minha tentativa de me chamar de poeta. É particularmente na questão superficial que muitos me duvidam. E quiçá devam. Sou um homem branco, sou estadunidense. Ora, para alguém de minha origem “bio”-geopolítica, tratar de questões raciais no contexto brasileiro de uma forma criativa, ou ousar dizer literária, pode aparecer ameaçador. Embora eu escreva aqui sobre questões negras, sou mais um; sou apenas um outro Castro Alves que nunca experimentou, respirou e foi forçado a se alimentar todos os dias do preconceito racial alheio. Entretanto, não foi nem a culpa nem a pena que deu à luz a este interesse, senão um reconhecimento de que a maneira em que [não] abordamos a raça/cor no Brasil, e nas Américas em geral, é vergonhosa. Precisamos manter um diálogo entre nós e conosco mesmos para lutarmos contra este constante empenho empurrado pelo Estado de esquecermos ou de fecharmos os olhos e os ouvidos perante as injustiças.

JOHN A. MUNDELL é doutorando em Estudos Afro-americanos e da Diáspora Africana na Universidade da Califórnia, Berkeley.

É precisamente isso que pretendo evocar e, espero, provocar: uma lembrança para a memória brasileira e da coletividade americana que a violência racial que testemunhamos—mas por conveniência quase nunca lembramos—instiga que necessitemos racializar a memória pública. Estas violências patrocinadas pelo Estado capitalista, desde o trato de africanos escravizados e a escravidão subsequente até o embranquecimento e a brutalidade da polícia contra corpos negros, entre outras estruturas abomináveis, fizeram com que os afrodescendentes nunca viessem a ser considerados elegíveis para a *peessoalidade*, isto é, qualificados para serem tratados como pessoas cidadãs. Deste modo, o corpo negro leva marcas sociais, também ligadas à estética, de inferioridade. É rotulado como destituido, feio, carnal e maluco. É um animal, nunca uma pessoa, a ser mercantilizada igual ao pau brasil—primeiro produto exportado à Europa de terras brasileiras por sua tintura vermelha destinada aos tecidos de luxo—, o açúcar, o ouro, os diamantes, o café, a borracha e o petróleo. Esta negação de cidadania, colorida pelas nuances de capital e seu interesse em vender a cor como acessório, fez essas violências se instituírem como pilares do senso comum ocidental.

Na marginalização consolidada da negrura, rememorar e comemorar as façanhas dos negros se torna desnecessário. São atos inválidos, ou meros imprevistos face àquilo que o senso comum estabeleceu—que a palavra do branco tem mais peso, assim criando um espaço para uma memória hegemônica. Por exemplo, Luís Gama foi um negro uma vez escravizado então abolicionista, escritor e advogado autodidata, originário da cidade de Salvador, que também pagou pela manumissão de vários escravizados, vivendo até os 52 anos de idade (1830-1882). Embora isso, seu contemporâneo, Castro Alves, um branco de privilégio, fazendeiro

do interior do estado da Bahia, viveu até apenas os 24 anos de idade (1847-1871) estudando advocacia e proclamando em público seu famoso poema “Navio Negreiro” (1868) que arguiu pela abolição do trato de africanos escravizados: “Mas é infâmia demais! ... Da éterea plaga / Levantai-vos, heróis do Novo Mundo! / Andrada! arranca esse pendão dos ares! / Colombo! fecha a porta dos teus mares!” Além das belas palavras, Castro Alves nunca liberou ninguém a sós, mesmo com o epíteto “O Poeta dos Escravos”. Porém, não surpreende que o nome dele decora vários monumentos e edifícios no Brasil, e até na cidade onde ele nasceu, além dos inúmeros prêmios literários e eventos epônimos. Diferente dele, Gama dá nome apenas a um pequeno beco no bairro da Lapinha em Salvador. À vista disso, Gama dá o veredicto de “tudo é bodarrada” em seu poema mais reconhecido, “Quem sou eu?” (1859), como resposta ao uso ubíquo do pejorativo “bode” para descrever uma pessoa de descendência africana: “Há cinzentos, há rajados, / Baios, pampas e malhados, / Bodes negros, bodes brancos, / E, sejamos todos francos, / Uns plebeus e outros nobres. / Bodes ricos, bodes pobres, / Bodes sábios importantes, / E também alguns tratantes...”. Pela hipocrisia presente em uma sociedade brasileira onde a escravidão ainda existia—além da mestiçagem corriqueira —“a bodarrada” que descrevia a população inteira serve, então, para pintar esta mesma ironia da memória pós-morte de Gama *vis-à-vis* Castro Alves.

De acordo com a proliferação da miscigenação entre brancos, negros e indígenas desde as primeiras décadas da colônia portuguesa, a igualdade entre as raças foi construída ao contrário dos discursos da eugenia do final do século XIX até os 1930. A ideia desta “democracia racial”, embora não o próprio termo, deriva das escritas do sociólogo Gilberto Freyre,

como o livro *Casa-grande e senzala* (1933), que propagaram um estado falso de pazes entre o povo brasileiro na questão de raça/cor. Simultaneamente, Freyre invisibilizou a violência interracial da época atual ao temporalizá-la como fato do passado colonial e imperial do país: o Brasil era naquela época de “Ordem e Progresso”, o lema nacional. Deste modo, os pensadores principais da época não quiseram mais pensar em questões segregadas dos negros, dos brancos e dos indígenas, senão dos brasileiros como um corpus nacional que descobriu um equilíbrio cultural na morenidade. Só aos meados dos anos de 1970, depois da abertura política da ditadura militar (1964-1985), que as vozes de ativistas negros como Abdias Nascimento, fundador do Teatro Experimental do Negro (1944-1961), que vaiaram esse equilíbrio como máscara, começaram a ser ouvidas. No entanto, parece que essas vozes negras apenas foram registradas como contributivas aos âmbitos da expressão corporal, artística ou folclórica: os ritmos tocados e dançados como samba e suas derivações, o futebol, a culinária e, por extensão, as religiões de matriz africana. Vê-se esta expressão como estática, arrancada da linha do tempo, o refrão ao qual a nação sempre vai voltar para redescobrir as raízes de sua alma. É cultura e apenas cultura; não pode ser política.

Portanto, não há espaço para o negro fora do corpus do refrão, como escritor dos versos na memória nacional. Apesar de sua presença, o negro foi teoricamente deixado na senzala, morto pelo tempo, onde o Estado considera a participação social e política dele ilegítima, fato evidenciado nas iterações de racismos institucionais: segregação residencial, violência policial, acesso à saúde e educação de qualidade. O negro, porém, é declarado patrimônio, um território onde a cultura da cultura nacional se possibilita. O Estado, como na “patrimonização” de alguns terreiros-elites

de candomblé—casas litúrgicas de uma religião afro-brasileira—na cidade de Salvador, ou até o próprio samba como gênero musical, considera essa apropriação como maneira de “proteger” culturas, enquanto também estabelece uma via de acesso para reivindicar a negritude. O negro é, desta maneira, desqualificado não apenas da personalidade, senão também da própria identidade politizada dentro da nação brasileira, sempre com um qualificador: afro, negro, Outro. Ele é negado o direito do tempo, a descronologia sendo em si o aspecto que mais caracteriza sua memória: sem lugar, voz e história adequados.

É neste nicho da poesia, em sua desconsideração pelo tempo, que estas recordações, mesmo não vividas pelo eu autor, podem começar a se dedicar à cura das feridas de uma sociedade quebrada. Talvez uma memória negra, tanto cultural quanto social e política, consiga sobressair entre os versos da poesia, seja minha, seja alheia. Daí o ciclo idiomático da recordação toma seu poder e, quanto mais falarmos, mais lembraremos e questionaremos. Procuraremos as poesias de amor por e sobre pessoas que se pareçam conosco, com quem possamos nos simpatizar. Pois, é por esta tradição da palavra, escrita ou oral, que o povo descobre que ele mesmo, em todas suas diversidades, sucessos e sofrimentos, é sua memória—é onde melhor se vê. Melhor dito, é onde mais deseja e merece se ver. Por que, então, não tentamos remontar o que resta deste espelho despedaçado?

Notas

1. “Somos nuestra memoria, / somos ese quimérico museo de formas inconstantes, / ese montón de espejos rotos”, do poema “Cambridge” em seu livro *El elogio de la sombra* (1969).

PAU BRASIL

Finge burgueses
aflige bastardos
tinge pecadores de pios
atingindo orgasmos
 que mancham
 alvas e auroras
escarlates, âmbar, amorenadas...
ô, desdém pulsante do pau brasil
pinta cortes claretes
nas sanguinolências defloradas
 de sua semente burlesca!
cabaços rasgados e tecidos
novamente nos teares com lorotas
de linho lavado na chuva fresca
 pau genuíno
 estragado carnavalesco
o mordente que tira privilégio
e presenteia periferia
 era prestígio
 agora é parentesco

GRIOT

—Deve estar bêbado.
—Não, é apenas um louco,
eles disseram.
—Talvez seja as duas coisas?,
fiquei pensando,
olhando ao homem,
escuro como uma tempestade
com relâmpagos empoeirados
piscando das solas
que beijavam os chinelos sem jeito.
Acenou os carros a seu estacionamento,
vigiando-os o dia todo
então empinou o queixo cantando
uma melodia excêntrica que
alongou com cada respiro,
com cada tendão no pescoço;
um muezim chamando
os carros a rezarem em seu templo,
um griot contando histórias
que ninguém queria ouvir.

JOHNNY

Meio-dia estreita a forca em minha sombra
 que se pergunta
 onde estão as poesias de amor para os catadores

A morte se cerca dos vivos
 os filhos dele querem pão
 não importa a mão

Uma torre negra de refinamento se curva
 um belo urubu de mundos à parte
 compartilhamos um nome

E ele ainda sorri

LUÍS

Numa travessa desta cidade
 pelo seu nome têm bondade
 que, pela grade, vê-se
 a placa azul, uma prece
 pela igualdade, pela mudança
 da qual só resta uma lembrança:
 não importa sua chicotada.
 Aqui tudo é bodarrada.

Evasão e invasão
 do espaço anônimo,
 distorção e confusão
 do passado retrônimo,
 campeão da abolição
 mas é epônimo de nada!
 Aqui tudo é bodarrada!

E sua primeira palavra
 você escreveu
 quando, da materna lavra
 aquele Outro nasceu.
 “Luís”

Mas o nome do Outro,
 cevado no leite da cabrada,
 batizou uma praça, um teatro,
 até uma estância,
 da capital, afastada,
 a linhagem daquele

sua única abundância cantada
onde tudo é bodarrada.

Na estrada ao Rio como escravo,
para ninguém nenhum agravo,
e aquele nos luxos da faculdade,
com grandes mentes amizade:
Nabuco, Barbosa, Machado de Assis,
Fagundes Varella, Pena,
mas nenhum Luís.
Do diploma, da advocacia, da escrita,
sua fama ficou aflita, barrada,
pois, aqui tudo, acredita, é bodarrada!

Todavia, não invoque o Albatroz dele;
as asas não caberão seu defeito de cor.
Corações com suas ações você propele
e ele, com palavras de ingênua dor.
O pálido Poeta nunca soube a realidade
que o Bode Negro tinha a verdade
correndo nas veias,
de aldeias
para areias
então junto às baleias,
que ele aprendera a se alimentar de correias
em vez dos navios ociosos do Orador.

Mas os moradores do seu beco
lembram de tudo que você fez,
da sua história um pandereco
que afundou uma sordidez
enquanto pelo Outro eles não sentem nada,
pois, não os libertou,
não os inspirou,
só lembrou da ironia que,
aqui, na Bahia, tudo é bodarrada!

AFRO-BRASILEIRO

Do nascente ao poente
é afro-brasileiro
preto de noite
mas uma demão branca de eufemismo
seguida por outra de correção política
é pouca compensação
por noções enferrujadas

prefixos pré-fixos no sangue
das épocas
uma violação linguística
um gentílico gentil para a gatinha
na expectativa branconormativa
que a força não reside na maioria
senão no privilégio de não ter
quatro letras na frente
como reprimenda
ao homem infantilizado
“moço!” aos 60 anos
ralhado ao canto penitenciário de sua mente
para pensar no que ele fez
no que a sociedade outorga a ele
em vez do que ele tem feito para ela
para contemplar a impossibilidade possível
de reduzir a grandeza do continente
mais diverso com
3.000 línguas clangorando
à metade-de-uma-palavra
seguida por uma simples
linha
uma fronteira
um desafio às crianças ousadas
“não pise na grama”
que vira um jogo de amarelinha
no concreto quebrado do beco
um ligue-os-pontos
no material da pública
um cabo-de-guerra injusto
porque um lado simplesmente tem mais mãos puxando
a caravana hifenizada de escravos do interior à Mina
é um ferrete que chamusca uma nova alma
é um martelo do leilão que decide seu valor
como se esta simples marca pudesse
substituir
a maldita jornada acorrentada
a noitada vomitada
a amada jogada
substituir
o São Francisco pelo Congo
a oliva pelo dendê
a chibata pela serenata
como se esta linha representasse
a linhagem
de sutilezas miríades

e questões da fé
uma colher de pau batendo massa de acarajé
a trilha aos Palmares na búsqeda
da renascença hemisférica
porém
não é mais nada do que
um dedo sinalizando o elegante elevador de serviço
o suave cassetete na protesta
o abençoado fetiche negado de uma pica-dura
da muriçoca que engole mentiras
da garganta do sinhô
a semente diluída na terra lavrada
algemas que abraçam
e forcas que afagam
na submissão enegrecida à maioria minoritária
pois
quando a geração chegar no portão
finalmente dirá que aquela palavra
aquele termo
aquela classificação
aquilo
não personifica
o samba do meu sorriso
o tango do meu passo
o tuíste do meu cabelo
o swing dos meus quadris
minhas histórias herdadas da vovó
meu cantarolar na madrugada
minhas lágrimas no feijão
a revolução de ser natural
e a falta de sensação
em tudo
quando quero
mas não quero
ser apenas brasileiro—